

Diário de Petrópolis, 8 de novembro de 2021

O Tsunami Que Está Chegando (1ª Parte)

Por: Ronaldo Fiani

Ao longo da história humana, nenhum sistema foi tão bem-sucedido em aumentar a capacidade de produzir bens e serviços e elevar o padrão de vida das pessoas quanto o sistema capitalista em que vivemos. A tentativa de substituir este sistema por um sistema socialista nos países sob a órbita da extinta União Soviética fracassou de forma incontestável no final do século passado. Apesar de algumas sociedades ainda viverem com forte controle por parte do Estado, como é o caso da China, todas as sociedades mais ricas ou mais prósperas do planeta (incluindo a própria China) baseiam suas economias na iniciativa privada que caracteriza o capitalismo.

Há algumas definições diferentes do que seja capitalismo entre os economistas, em função da ênfase em um, ou outro aspecto deste sistema. Mas todos concordam que o capitalismo é um sistema que produz bens e serviços em massa para o mercado, isto é, para venda, visando ao lucro.

Apenas para contrastar com outros sistemas econômicos, na Idade Média os bens e serviços eram produzidos para consumo próprio (pelas próprias famílias de camponeses), ou para o consumo do nobre de quem eram servos. A produção para o mercado era pequena e, em geral, apenas destinada a feiras regionais. O comércio de longa distância era ainda menor, e sujeito a inúmeras incertezas. Uma situação totalmente diferente daquela que vivemos hoje, em que praticamente tudo o que se produz é destinado ao mercado, e o comércio se tornou global, com países como China, Tailândia e Paquistão fornecendo até mesmo produtos simples que antes produzíamos aqui no Brasil. É a chamada globalização, no seu aspecto econômico.

Uma consequência muito importante da produção para o mercado, seja para o próprio país, ou visando ao exterior é que no capitalismo há intensa concorrência. Isto significa que as empresas competem pelos compradores de seus produtos. As formas mais simples e imediatas de concorrência são a competição por preços e por diferenciação de produto. Competir por preço é,

como todos sabemos, competir oferecendo os preços mais baixos. Para isto, a empresa tem de aumentar a sua eficiência e reduzir os seus custos. Competir por diferenciação de produtos é competir oferecendo um produto que os compradores consideram superior aos produtos dos seus rivais. A Apple e a BMW são duas empresas que recorrem frequentemente a este último tipo de competição, oferecendo produtos de qualidade superior.

Mas existe uma outra forma de competição, muito mais importante no capitalismo do que a competição por preço e por diferenciação de produto: a competição por inovação. Ela é mais importante porque é mais duradoura: os lucros da empresa que lança uma inovação bem-sucedida duram muito mais do que aqueles que resultam de um ganho de eficiência que reduz os custos, ou de uma diferenciação de produto que gera um produtos de qualidade superior, porque estes dois últimos tipos em geral são mais rapidamente imitados pelos competidores, ao contrário de uma inovação, que leva mais tempo para ser imitada. É justamente o impulso que o capitalismo dá à competição por inovações que elevou a qualidade de vida das pessoas nos últimos duzentos anos, com novos bens e serviços que aumentaram a nossa qualidade de vida.

Mas as inovações possuem uma consequência importante: elas tornam outras atividades econômicas obsoletas, tornando bens e serviços ultrapassados. Mencionei no domingo passado como os microcomputadores e editores de texto tornaram as máquinas datilográficas obsoletas. O problema é que, juntamente com bens e serviços que se tornam ultrapassados, algum tipo de emprego também se torna obsoleto: foi o caso dos datilógrafos, uma profissão muito valorizada até os anos 1980 (naquela época, o Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciono, tinha uma sala com um pool de datilógrafos, apenas para atender à faculdade), mas que hoje não existe mais.

O problema resultante de tornar empregos obsoletos não seria grave se as empresas que produzem as inovações estivessem na mesma cidade, região ou país das empresas que se tornam obsoletas e fecham as suas portas. As empresas inovadoras absorveriam e reciclariam os trabalhadores dos ramos ultrapassados que fossem demitidos. Para aqueles com maior dificuldade de reciclagem (por exemplo, por conta de uma idade mais elevada, ou de uma qualificação insuficiente para as novas tarefas), talvez fosse necessário algum programa público de apoio. Mas, em geral, o problema se resolveria por si mesmo.

Ocorre que, cada vez mais, as cidades, regiões e países que produzem as inovações são diferentes daqueles onde as atividades obsoletas são destruídas pela competição. Apenas para ilustrar, uma hipotética inovação em tecnologia digital produzida hoje no Vale do Silício na Califórnia pode destruir muitos empregos da indústria na Região Sudeste do Brasil. Desta forma, enquanto uma cidade, região ou país fica com os lucros da inovação, outro amarga os custos do desemprego e do fechamento das empresas.

Pois está chegando um verdadeiro tsunami que vai devastar grande parte da economia mais tradicional no mundo, tanto a indústria convencional quanto os serviços, o tsunami da quarta revolução industrial (também conhecida como indústria 4.0), que tenho abordado em alguns artigos. Quem não estiver do lado das inovações, vai ficar do lado do desemprego e da perda de atividades econômicas. Vou voltar a este ponto no próximo domingo.

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-200797>